

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES
INDÍGENAS**

Manoel Antônio de Oliveira Silva

**“A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta”: a história da
língua Akwen do Povo Xakriabá**



Belo Horizonte

2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES
INDÍGENAS**

Manoel Antônio de Oliveira Silva

**“A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta”: a história da
língua Akwen do Povo Xakriabá**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Matemática.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Neto

Co-Orientadora: Profa. Dra. Ilaine Campos

Belo Horizonte

2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por conceder essa oportunidade de chegar até aqui me dando força para seguir em frente nessa caminhada.

Aos meus pais José Pereira da Silva e Edna Ferreira de Oliveira por terem me guiado na minha trajetória de vida, ensinando os caminhos a serem percorridos. A todos meus irmãos que me deram força quando foi preciso.

A minha esposa Elisandra Fernandes pela motivação, companheirismo; sempre não media esforço para me ajudar nas horas difíceis a quem me inspirei muito para concluir esse curso.

Aos meus filhos Emanuel e Enzo que durante esse curso eles nasceram para alegrar ainda mais minha vida.

Não poderia deixar de agradecer aos meus entrevistados, grandes sábios conhecedores da nossa história de luta e resistência, que contribuiu muito com suas sabedorias para que esse trabalho fosse realizado.

A todos nossos Anciões, pajés por ter a confiança de nos repassar seus conhecimentos, nos ensinando a sempre caminhar junto com nosso povo, eles são nossas raízes onde sempre ressaltam que união faz a força, com ela conseguimos alcançar nossos objetivos.

Nossos caciques e lideranças por sempre estar na luta pelos nossos direitos que seja eles a luta pelo nosso território, saúde e educação, em especial nosso cacique geral Domingos Nunes de Oliveira que também foi um dos meus entrevistados para contribuir na minha pesquisa.

Às nossas lideranças que já passaram por aqui, e os que acompanham nosso curso fazendo parte do colegiado que nunca mediu esforços ao deslocar das aldeias até em Belo Horizonte para buscar melhorias para nosso curso, no qual faço questão de recitar seus nomes: sr. Valdemar Xavier dos Santos (in memorian), sr. Valdemar Ferreira dos Santos, Silvino e o nosso pajé Vicente, grandes guerreiros no qual tenho orgulho de mencionar. Também meus agradecimentos para as lideranças Pataxós, Pataxós Hãhãhãe, Guarani e Maxakali que de uma forma ou de outra contribuíram na minha formação.

Todas escolas do território Xakriabá especialmente a escola Xukurank da aldeia Barreiro Preto onde sempre estudei e na qual hoje sou professor. E também agradeço

todos os professores que com eles estudei, pelos incentivos a sempre buscar novos desafios na área da educação indígena.

Agradeço a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Faculdade de Educação por ter aberto as portas para os povos indígenas, e por acreditar sempre que somos capazes sim de fazer parte dela.

Ao nosso curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas - FIEI, onde nele pude adquirir um enorme conhecimento que vou levar para a vida toda, na habilitação de Matemática.

A todos os professores, bolsistas, coordenadores do FIEI por ter a paciência, companheirismo, de sempre estar com a gente nos momentos bons, difíceis, de nos repassar conhecimentos que vão permanecer na nossa vida toda, especialmente nossa coordenadora Vanessa Tomaz da turma da Matemática pelo comprometimento, dedicação que teve com a gente durante esses quatro anos.

A minha orientadora Maria Gorete Neto pela paciência de me ajudar a desenvolver esse trabalho, me incentivando nas horas difíceis que eu me encontrava ao desenvolver esse trabalho.

A todos meus amigos e amigas que fazem parte da minha caminhada que com certeza cada um com sua maneira contribuiu na minha jornada de estudo. A minha turma da Matemática por ter essa diversidade de povos, culturas diferentes Pataxó, Hãhãhãe, Guarani e Maxakali, onde pode conhecer um pouco da cultura de cada um, isso foi fundamental para minha formação.

Por fim todo o povo Xakriabá no qual me orgulho de fazer parte.

RESUMO

Esse trabalho aborda a história da língua do povo Xakriabá e o andamento do processo de sua revitalização. Essa língua foi proibida de ser falada pelos Xakriabá quando foi imposto o uso da língua portuguesa no período da colonização. Atualmente, vivemos um processo de relembramento dessa língua. No desenvolvimento desse trabalho são abordados: A história da língua do nosso povo, o ritual do toré, a escola como uma ferramenta de revitalização. Para buscar algumas informações que constam neste trabalho, fiz entrevistas e rodas de conversa com anciões das aldeias Riacho do Brejo, Olhos D'Aguão, e também com três professores de cultura da aldeia Imbaúba e Riacho do Brejo. Espero que esse trabalho possa contribuir para fortalecer as práticas culturais na nossa reserva Xakriabá, trazendo o diálogo dos saberes dos nossos antepassados com a expectativa de que um dia a nossa língua possa ser praticada por todo nosso povo.

Palavras-chave: Língua Akwen, Memória, povo Xakriabá.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Entrevistado José Araújo de Souza.....	10
Figura 2 - Entrevistado Edilson Alves de Barros.....	10
Figura 3 - Entrevistado Alvino Alves de Barros.....	11
Figura 4 - Entrevistado Domingos Nunes de Oliveira.....	12
Figura 5 - Entrevistada Ana Flávia Tkadi Xakriabá.....	12
Figura 6 - Entrevistado Elizélio Santiago de Oliveira.....	13
Figura 7 - Entrevistada Maria José Alquimim.....	14
Figura 8 - Entrevistado Francisco.....	14
Figura 9 - Marcações do território Xakriabá.....	15

SUMÁRIO

UM POUQUINHO DA MINHA VIDA.....	7
JUSTIFICATIVA.....	8
METODOLOGIA.....	9
DESCRIÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	9
MAPA DO TERRITÓRIO XAKRIABÁ.....	15
1. HISTÓRICO DO POVO XAKRIABÁ.....	16
XAKRIABÁ VIVIA SEM FRONTEIRAS NOS TEMPOS DE ANTIGAMENTE.....	17
TERRITÓRIO XAKRIABÁ É INVADIDO POR MATIAS CARDOSO.....	18
A DELIMITAÇÃO DO TERRITÓRIO XAKRIABÁ EM 1728.....	21
OS MASSACRES SOFRIDOS COM OS XAKRIABÁS ENTRE OS ANOS 1926 A 1987.....	21
2. A LINGUA NÃO MORRE APENAS ADORMECE.....	25
OS PRIMEIROS PASSOS PARA RESGATAR NOSSA LINGUA.....	26
COMO A LINGUA É REPASSADA NA ESCOLA.....	28
3. ALGUMAS AÇÕES PARA APRIMORAMENTO DA LÍNGUA AKWEN.....	30
GLOSSÁRIO XAKRIABÁ.....	37
GLOSSÁRIO "CHICRIABÁ".....	39
AKWEM HUMININIXÃ TONEGRY.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

UM POUQUINHO DA MINHA VIDA

Eu sou Manoel Antônio de Oliveira Silva, nasci na aldeia do Barreiro Preto reserva Indígena Xakriabá, filho de José Pereira da Silva e Edna Ferreira de Oliveira Silva. Tenho 12 irmãos, sendo 8 homens e 4 mulheres. Comecei a ajudar meu pai desde os 8 anos de idade a trabalhar na roça. Com 7 anos entrei na escola, sempre estudei em escola indígena. Da minha casa até a escola era 6 quilômetros, tendo que ir a pé com minha irmã e outros colegas. Sempre gostei da escola. Mas naquele tempo a situação era difícil e, às vezes, eu tinha que faltar na escola, para ir trabalhar para os outros, e ajudar minha família em recurso financeiro.

Durante minha trajetória na escola não fui reprovado de série e terminei o Ensino Médio com 18 anos. Em seguida não achando trabalho na escola da minha aldeia, eu tive que sair para trabalhar fora. Fui para a cidade de Lagoa da Prata, Minas Gerais. Fiquei lá por um ano trabalhando no corte de cana. Retornei no início de 2013 para minha aldeia, com um pensamento positivo de conseguir um emprego, e graças a nosso Deus Kãmkehe consegui, com o apoio da minha família, da comunidade, da direção da escola e da nossa liderança, por ter me dado essa oportunidade de ser professor da escola estadual indígena Xukurank. No início tive um enorme desafio, e ao mesmo tempo foi muito prazeroso, comecei a trabalhar com as séries multisseriadas, com a quinta a oitava série juntas. No ano seguinte eu passei a trabalhar como professor de Práticas Culturais, e assim me interessei ainda mais pela nossa cultura. Trabalhando com essa disciplina me possibilitou aprofundar e conhecer ainda mais os costumes e tradições do nosso povo Xakriabá.

No ano de 2013 aconteceu três coisas importante na minha vida, consegui o emprego como professor, trabalhando na minha aldeia mesmo, logo em seguida me casei com a mulher da minha vida, e nesse mesmo ano prestei o vestibular para o curso de Formação Intercultural Para Educadores Indígenas (FIEI). E graças a Deus consegui passar.

Uma das coisas que me levou a prestar o vestibular no Fiei, foi o incentivo da minha esposa, porque ela já estava fazendo o curso. Ela me falou da importância que o curso tem para nosso povo, e quando eu soube que ia ser de Matemática minha vontade cresceu ainda mais. Sempre gostei da Matemática, desde quando estudava era minha matéria preferida. E quando entrei de professor, comecei a trabalhar com Matemática.

Também sempre nas reuniões, nas assembleias realizadas pelo nosso povo em nosso território, nossas lideranças sempre estavam incentivando a gente para estar fazendo este vestibular. Ressaltavam o tamanho da sua importância. Destacavam também o quanto de experiência que a gente podia estar adquirindo com esse curso, e podendo retornar para a aldeia com dever de repassar nosso aprendizado para nossas crianças e para todo nosso povo Xakriabá.

No FIEI, devemos fazer uma pesquisa para concluir o curso: o percurso acadêmico. Escolhi o tema “A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta” A história da língua do povo Xakriabá.

JUSTIFICATIVA

A justificativa desse tema dá-se pelo fato de ver a necessidade de um estudo mais aprofundado dos conhecimentos dos nossos antepassados, pois com a perda de muitos mais velhos que praticava de forma mais clara a nossa língua foi ficando um pouco adormecido e poucas pessoas falando nossa língua. Mesmo assim tendo essas pessoas que praticavam, eles eram perseguidos e proibidos de praticar a nossa cultura. Então nossos anciões acabavam recuando e sendo obrigado a falar o português.

Esse trabalho vai servir para buscar esses conhecimentos. A pesquisa foi realizada em forma de conversa com as pessoas mais velhas registrando, por meio de material escrito, memória e outras fontes de pesquisa.

Tenho como expectativa de que esse trabalho possa contribuir para o melhoramento e desenvolvimento da prática cultural na nossa reserva Xakriabá, trazendo fortalecimento no diálogo dos saberes dos nossos antepassados para que um dia a nossa língua possa ser praticada por todo nosso povo. Isso poderá fazer com que nossos momentos na família e na escola se tornem cada vez mais fortes no conhecimento cultural Xakriabá. Dentro disso, as referências que serão usadas nesse trabalho são as pessoas mais velhas que conhecem mais sobre a história do nosso povo, os professores de cultura que trabalham com ensino da língua na escola.

Essa pesquisa é importante porque a língua do povo Xakriabá deixou de ser usada pela imposição da língua portuguesa desde a colonização. Assim há uma necessidade de um trabalho e estudo mais aprofundado dos conhecimentos dos nossos antepassados a respeito da língua do nosso povo Xakriabá que foi muito massacrado

pelos bandeirantes, quando praticava nossa língua. Assim foi se perdendo nossa cultura e o português tomando de conta do nosso povo Xakriabá. Com o passar do tempo descobrimos que nossa língua não tinha morrido e ainda existem pessoas falantes da nossa língua, mas tem medo de praticá-la no meio de pessoas estranhas, porque sofreram muito no passado.

METODOLOGIA

Para buscar algumas informações que constam neste trabalho, usei como metodologia, além de pesquisas bibliográficas e documentais, o depoimento oral de três anciões, sendo eles Laurindo Gomes de Oliveira, Valdemar Ferreira dos Santos, Osvaldo Fernandes Pimenta, e também com nosso pajé Vicente. Realizei também entrevista com três professores de cultura, José Araújo de Souza (Deda), Edilson Alves de Barros e Elisélio Santiago de Oliveira relatando um pouco suas experiências de ensino da língua dentro da sala de aula. Entrevistei também o cacique Domingos Nunes de Oliveira e o vice cacique sr Alvino Alves de Barros, coletando deles um pouco do histórico de luta e também sobre a respeito da busca pela revitalização da nossa língua. Os dados foram coletados através de áudios, vídeos que foram transcritos. Algumas fotos também foram tiradas para documentar as imagens.

Embora não haja trechos selecionados na análise de todos os entrevistados, a discussão apresentada no percurso foi baseada nessas entrevistas. Por isso, o nome e a descrição de todos os entrevistados aparecem abaixo:

DESCRIÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Entrevistado 1: José Araújo de Souza - Deda Xakriabá - conhecido como Sirepité - mora na aldeia de Imbaúba próxima ao Brejo Mata Fome. Ele é solteiro e vive mais os pais, decidi entrevistá-lo porque ele é uma pessoa que tem um conhecimento muito grande sobre nossa cultura Xakriabá especificamente sobre a nossa língua. Ele não fala fluentemente mais boa parte ele já domina. Ele foi de fundamental importância para minha pesquisa pois ele já está fazendo 10 anos como professor de cultura e também por ter convivido mais de perto com pessoas da nossa reserva que ainda falava nossa língua. Ele é uma pessoa muito considerada dentro do nosso território Xakriabá e

também fora sempre é chamado nas Universidades ou em outros lugares para contar sobre nossa história.



Figura 1- Entrevistado José Araújo de Souza.

Fonte: autor, 2017.

Entrevistado 2: Edilson Alves de Barros conhecido como Ambázawre, mora aldeia Riacho do Brejo. Ele é casado. Decidi entrevistá-lo porque ele já é professor de cultura há 10 anos e também tem muito conhecimento da nossa cultura. Ele já trabalha com os alunos um pouco da nossa língua indígena, mais através das músicas na língua. Ele também conviveu mais de perto com Zé Alves que era uma pessoa que dominava nossa língua. Ele já tem bastante material escrito na língua indígena, alguma deixada por Zé Alves e outros pelo sr Jair Somorî.

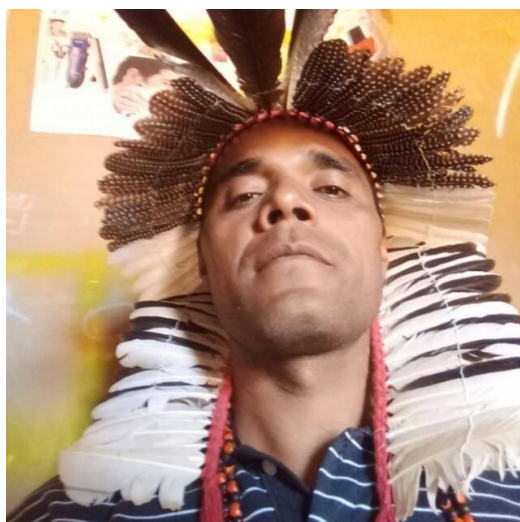


Figura 2 - Entrevistado Edilson Alves de Barros.

Fonte: entrevistado, 2017.

Entrevistado 3: Sr Alvinho Alves de Barros morador da aldeia Riacho do Brejo. Ele é casado. Decidi entrevistá-lo porque ele é um sábio muito conhecedor da nossa cultura. Ele também é o vice-cacique há mais de trinta anos apontado pelo ex-cacique Rodrigo (em memória) de todo o povo Xakriabá e liderança de sua aldeia. Ele é um conhecedor do nosso ritual sagrado, o nosso toré. Ele não fala a língua indígena mais conviveu com parentes que a dominavam. Ele também está na luta pelo resgate da nossa língua materna.



Figura 3 - Entrevistado Alvinho Alves de Barros.

Fonte: autor, 2017.

Entrevistado 4: Sr Domingos Nunes de Oliveira é o atual cacique do povo Xakriabá morador da aldeia Brejo Mata Fome. Decidi entrevistá-lo porque é um grande sábio, conhecedor da história do nosso povo Xakriabá, e é um dos responsáveis que incentiva a retomada da nossa língua. Foi ele que criou um projeto de levar uma família Xakriabá até o povo Xerente para aperfeiçoar nossa língua indígena, o Akwem. Ele é referência para criar um material para usar na escola de maneira que todos professores tenham acesso.



Figura 4 - Entrevistado Domingos Nunes de Oliveira.
Fonte: autor, 2017.

Entrevistada 5: Ana Flávia Tkadi Xakriabá, filha do sr Jair Somori, uma jovem falante da língua Akwem que fez o intercâmbio com os parentes Xerentes, junto com sua família. O intercâmbio teve início no ano de 2010 finalizando em 2014. Decidi entrevistá-la justamente por ter participado de todo esse processo de resgate da língua, no qual meu percurso mostra e também por ela ter escrito uma monografia voltada para a valorização da língua akwem para o povo Xakriabá. Ela é uma grande conhecedora da nossa língua materna o que me ajudou muito cedendo sua entrevista.



Figura 5 - Entrevistada Ana Flávia Tkadi Xakriabá.
Fonte: entrevistada, 2017.

Entrevistado 6: Elizélio Santiago de Oliveira tendo seu nome indígena Durkwa, morador da aldeia Imbaúba um jovem de 22 anos, um grande sábio conhecedor da nossa cultura, atualmente é professor de cultura e mobilizador dos jovens que também destaca na parte da nossa língua. Decidi entrevistá-lo justamente por ser jovem e que está atentamente ligado no resgate da nossa língua e com isso me ajudou muito com sua entrevista.



Figura 6 - Entrevistado Elizélio Santiago de Oliveira.
Fonte: autor, 2017.

Entrevistada 7: Sra Maria José Alquimim é a vice-diretora da minha escola Xukurank moradora na aldeia do Barreiro Preto. Decidi entrevistá-la por que ela foi a primeira diretora mulher Xakriabá, uma pessoa muito conhecedora sobre a educação indígena e foi umas das pessoas que buscou a implementar os professores de cultura nas escolas indígenas Xakriabá.



Figura 7 - Entrevistada Maria José Alquimim.

Fonte: autor, 2017.

Entrevistado 8: Sr Francisco é atualmente secretário de educação do município de São João das Missões onde atualmente mora. Mas, ele pertence a aldeia do Barreiro Preto. Decidi entrevistá-lo porque ele foi um dos alunos da primeira turma do magistério indígena no ano de 1996. Foi também um dos primeiros professores na minha aldeia quando iniciou o programa de implantação das Escolas Indígenas em Minas Gerais.



Figura 8 - Entrevistado Francisco.

Fonte: autor, 2017.

MAPA DO TERRITÓRIO XAKRIABÁ



Figura 9 - Marcações do território Xakriabá.

Fonte: Google Earth, 2017.

1. HISTÓRICO DO POVO XAKRIABÁ

O território Xakriabá localiza-se no município de São João das Missões, norte de Minas Gerais na região do Alto-Médio São Francisco. É uma população de aproximadamente 10 mil indígenas com área 53.213 mil hectares de terra, dividida em 36 aldeias. A primeira parte do território Xakriabá foi demarcada em 1979, mas só foi homologada em 1987, devido a uma tragédia acontecida na aldeia Sapé, uma chacina organizada por pistoleiros armados, a mando de fazendeiros, resultando na morte da nossa liderança Rosalino Gomes de Oliveira, e mais dois índios Manoel Fiuza da Silva e José Pereira Santana. E a segunda parte foi homologada no ano de 2003 (Terra Xakriabá Rancharia).

Atualmente o povo Xakriabá já conseguiu a ampliação da parte do território que na demarcação passada ficou de fora, e que por direito pertence ao povo Xakriabá. Mas, ainda não totalmente demarcada. Para falar da história do povo Xakriabá é preciso voltar há 517 anos atrás, quando Pedro Alvares Cabral invadiu nossas terras e acabou com nossa tranquilidade, querendo destruir nossa cultura fazendo um verdadeiro extermínio dos povos indígenas.

Segundo Rodrigues (1993), supostamente, em 1500 havia no Brasil 1.175 línguas indígenas distribuídas entre uma população que se estima entre 5 a 10 milhões de indígenas que habitava o que hoje demarcamos como Brasil. Desse tempo para cá esse número diminuiu muito, atualmente no Brasil não chega nem 1.000.0000 de indígenas, lembrando que houve uma grande perda da nossa língua materna tendo apenas pouco mais de 180 línguas faladas.

Esses 517 anos se passaram e os povos indígenas vêm resistindo de massacres tanto como ataques nas nossas aldeias matando nossos líderes a todo momento, quanto na criação de leis que tiram nossos direitos que já estão garantidos na Constituição de 1988, direitos esses que foram conquistados com muita luta das nossas lideranças.

Mas como diz o senhor Valdemar Xakriabá a “única herança que um índio deixa para outro índio é a luta”, e a esperança de ver seu território livre, livre de qualquer ameaça que possa colocar seu povo em perigo. É por isso que eu estou aqui para contar um pouco da história do meu povo Xakriabá.

Nosso povo Xakriabá vem de uma luta muito sofrida, uma delas é pela garantia de nossos direitos, ou seja, pela demarcação de nossas terras, pelo respeito da nossa identidade. Hoje temos artigos dentro da Constituição de 1988 que nos garante isso:

Artigos 231 “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes línguas, crenças e tradições e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo a união demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos seus direitos”.

Mas, isso na prática não vem sendo respeitado pelos governos, cada dia que passa nosso povo vem sendo expulsos de suas terras, sendo mortos. O governo hoje está criando leis para acabar com nossos direitos, uma delas é a PEC 215 que fere gravemente a constituição tirando totalmente a responsabilidade do governo federal e levando para o poder legislativo a responsabilidade de demarcação dos territórios indígenas.

XAKRIABÁ VIVIA SEM FRONTEIRAS NOS TEMPOS DE ANTIGAMENTE

Para contar melhor o histórico de luta, resistência do meu povo Xakriabá, vou voltar há muito tempo atrás, desde a invasão do Brasil, onde naquele tempo vivíamos livres, sem limites de terras para percorrer. Segundos alguns relatos, nosso povo Xakriabá ocupavam desde as Margens do Rio São Francisco ao Rio Tocantins. Em conversa com nossos mais velhos, inclusive com o senhor Emílio Gomes de Oliveira, um ancião e liderança da Aldeia Pedra Redonda, pude concluir que o povo Xakriabá já percorreu por vários estados até chegar aqui em Minas Gerais, trago aqui os nomes de alguns deles sendo: Tocantins, Goiás, Bahia, Maranhão, Piauí.

Pelo que se sabe, a partir do que conta os mais velhos, nossa história começou na região de Tocantins, onde vivíamos com nossos parentes Xerente e Xavante. Segundo nossos mais velhos, éramos um só povo. De acordo com os linguistas, somos pertencentes ao tronco linguístico Macro-jê, família Jê e língua Akwen. Mas, devido as invasões dos nossos territórios, nos separamos, sob a liderança de quatro anciões. Como estratégia para não se perder o contato, as pinturas corporais passaram a ser uma forma de identificação do nosso povo.

De acordo com o professor de cultura Deda, na região de Bahia, os Xakriabá se aproximaram do povo Akroá se juntaram e dividiram em dois grupos travando várias batalhas juntos. Como estratégia de luta, muitas vezes o povo Xakriabá se identificava como Akroá e os Akroá se identificava como Xakriabá. Esses dois povos juntos guerrearam muitos contra os não índios em defesa do seu território, contra a exploração

de madeira. Uma forma muito forte desses povos entrar em contato era através dos seus rituais.

O povo Xakriabá era um povo que percorria muito, sempre nas beiras dos rios em busca de caça pesca, frutos e das meladas (mel de abelha). Mas, com a chegada dos não índios, isso acabou. Hoje os Xakriabá habitam somente dois estados: na Bahia, em Cocos, onde vivem ameaçados pelos fazendeiros, e aqui no norte de Minas Gerais onde eu vivo, no qual vou relatar no meu trabalho.

TERRITORIO XAKRIABÁ É INVADIDO POR MATIAS CARDOSO

Segundo alguns relatos, o povo Xakriabá teve os primeiros contatos com os não índios ainda no século XVI em 1553 e 1555, por um padre jesuíta chamado de João Aspelicueta, que identificou os Xakriabá como os Tapuias, descrevendo os Xakriabá como índios bravos, com cabelos longos, e usavam flechas pontudas.

O maior responsável pelo massacre do povo Xakriabá foi um mestre de campo chamado de Matias Cardoso chegando aqui no final do século XVII, perseguindo nosso povo para escravizá-lo. Nosso povo travou várias batalhas com esses bandeirantes, mas nesse período muitos índios foram assassinados, e outros foram obrigados a trabalhar para eles abrindo fazenda, estrada e nas construções de igrejas.

O mestre-de-campo paulista Matias Cardoso de Almeida foi autorizado a organizar uma expedição a fim de “restaurar a segurança dos sertões” trava-se de franquear o sertão a expansão da criação de gado, liberando também os caminhos do São Francisco dos “perigos” que representavam os índios quando já começou a se firmar a atividade extrativa das Minas recém descobertas, Matias Cardoso partindo de São Paulo em 1692, atingiu a margem direita do São Francisco, na altura da confluência desde com rio verde, onde fundou o arraial, os indígenas encontrados na região, referidos genericamente como Caiapós ou como “xakriabás” teriam sido escravizados. (Relatório da FUNAI, p.19/ 2013).

Ainda nesse período tínhamos nossos costumes preservados, mas com essas invasões fomos obrigados a deixar de praticar nossas tradições, nossos rituais, a nossa pintura e a nossa língua ancestral, porque, no dizer deles, se os índios falassem na língua seria mais

difícil de ser “domados”. Tinham medo também de os índios armar alguma estratégia de luta contra eles, por isso que quando um índio falasse na língua eles mandavam matar, ou era torturado, ou até mesmo cortava sua língua. Foi por isso que nosso povo foi deixando de falar nossa língua.

Logo em seguida chega um grupo de missionários jesuítas com o propósito de catequizar nosso povo, obrigando eles a seguir outras religiões que não eram nossas, e fazendo com que nossa religião fosse esquecida. Sofremos um grande impacto, com isso perdemos vários costumes ancestrais, um deles é a nossa língua materna que fomos impedidos de praticá-la sendo sujeitados de aprender o português.

Esses missionários foram um dos grandes culpados de tirarem a nossa cultura, naquela época eles aldearam nosso povo para que pudessem nos obrigarem a falar o português e a seguir os seus costumes. Com essa imposição, nosso povo teve que abandonar uma grande parte da nossa cultura, foram muitas lutas e resistências para que nosso povo preservasse um pouco da cultura dos nossos antepassados que nos mantém forte até hoje.

Em conversa com nossos mais velhos, inclusive o senhor Alvinho Alves de Barros e senhor Emílio Gomes Oliveira, eles me relataram que um dos primeiros lugares que eles habitaram, desde de antes da invasão dos bandeirantes, e dos missionários foi onde hoje é a cidade de São João das Missões. Falam que ali tem um grande significado para o nosso povo Xakriabá. Com essas invasões, nosso povo já sendo obrigados a trabalhar para eles como escravos, um dia ali naquele mesmo lugar um índio trabalhando na roça capinando, de repente acertou a enxada na imagem de um santo. O índio ficou assustado e resolveu levar a imagem para um dos missionários. Em seguida eles levaram a imagem para Morrinhos, um local onde já tinha uma igreja construída à força, pelo nosso povo Xakriabá. Mas, no dia seguinte a imagem já estava no mesmo lugar que o índio a encontrou pela primeira vez. E com isso se repetiu por três vezes, eles levavam, ela voltava. Vendo que não tinha mais jeito, os padres resolveram construir uma igreja naquele local. Tem muito suor e sangue derramado ali naquele lugar porque nosso povo foi obrigado a construir aquela igreja.

O santo ficou conhecido como São João Batista, defensor dos índios e dos negros, e aquele lugar passou a ser chamado de São João dos Índios porque ali sempre foi nosso lugar desde antes de qualquer invasor que aqui chegou querendo explorar nossas terras.

Santos (1997) recolheu relatos orais a respeito da origem da missão do senhor São João, na visão dos índios, que se referem a aparição da imagem de um santo:

Por que aquele terreno, aquele lugar La é dos caboco! É dos caboco! De missões é dos caboco! (...) Entao diz que tava os caboco limpando, um cantinho, de enxada . ele tava La enterrado na terra . Ai diz que um joga uma enxada, outro joga a enxada, quando foi assim na base de quatro hora, rumou, a enxada . Pegou, bem aqui, ó, no tampinho da cabeça dele. Rancou o tampinho, bem aqui . Ai, La foi, saiu com aquele ... (.....) La não tinha aquela Igreja ... (...) Achou o santo, pegou o tampinho da cabecinha... e virou aquela confusão ... Esses trabalhador levou esse santo pra casa, chegou La na casa do patrão, mostrou... Ele... É um santo. Ai adiquirir que era são João aparecido, que tava enterrado na terra, era pra eles achar. Ai eles foram, era pra fazer a igreja La mesmo naquele lugar onde eles rançou esse santo. Moça! Diz que... Ah, eu vou levar... botou esse santo La na casa desse dono. Quando foi no outro dia, caçou... quem diz? Ele foi La pro lugar, que era encantado, ne? É tanto que se panhar ele de La e botar em outra igreja, ele sai. Ai pegou, foi caçar. Achou. Tava La no lugarzinho, onde tiraram ele. Levaram... disse...Nos vão levar pra casa de fulano levaram esse santo, botava na outra casa. Amanhecia o dia, já tava o lugar. Olha La ele La disse, que vai fazer? Só nos dando jeito de levantar a igreja dele aqui, que é morador é daqui. Aí foram, por La, e foi pelejar, fizeram a igreja La. (D. Joana. Itacarambi, 1992). (Relatório circunstanciado de reestudo de limites da Terra Indígena Xakriabá, p. 27).

Logo depois da construção da igreja, ali foi virando um povoado, e depois de muitos anos mudaram o nome de São João dos Índios para São João das Missões. Hoje já é uma cidade e todos os anos no dia 25 de junho são comemorados os festejos de São João.

Com isso, naquele tempo nosso povo se espalhou formando outras aldeias. Primeiramente uma aldeia que hoje é chamada de Riachinho, em seguida Brejo Mata fome, Imbaúba, Riacho do Brejo, depois foram se espalhando e forma aldeias existente em nosso Território.

Pelas histórias contadas pelos mais velhos, nosso povo antigamente era chamado de caboclos, e. Gamelas e até hoje em algumas aldeias ainda prevalece com esse nome. Nosso povo já teve várias variações de grafia, como Chicriabá, Chikribá, Sakriabá, Xikriabá, Xacriabá e Xakriabá (segundo a listagem dos nomes dos indígenas do Brasil, organizada por Maria Elizabeth Brea Monteiro e Maria Irene Brasil (Boletim do Museu do Índio, /Ministério da Justiça/Fundação Nacional do Índio, n.8, 1998, p. 68) e também Rodrigues em Línguas Brasileiras (1986.).

Para Sirepité, os Xakriabá receberam esse nome porque:

Os Xakriabá antes era Akwen krenká porque hoje para os não índios identificou como xacriabá, porque os xakriabá é muito de kri de criar. Então em cada região que eu passava eu sabia que por ali podia ser uma luta que não ia ficar muito tempo. Então eu fazia umas cabanas de palhas, nas beiras do rio que na época chamava de kri e o Bá é que tinha bastante índio e o Xá e porque eles era curados com chá da medicina tradicional das plantas dos gerais, o chá da jurema mais e mais outras plantas. E assim receberam esse nome Xakriabá. (José Araújo, mais conhecido como, Deda (Sirepité) Xakriabá, 17/04/2017.

A DELIMITAÇÃO DO TERRITÓRIO XAKRIABÁ EM 1728

Depois de ter tomado nossas terras, ter massacrado nosso povo, de tentado acabar com a nossa cultura, Januário Cardoso, filho de Matias Cardoso, no ano de 1728 resolve “doar” um pedaço de Terra para nosso povo Xakriabá, mas não porque ele era “bonzinho” e sim para manter os Xakriabá ali por perto para tentar escravizá-los. Como alguém dá um pedaço de terra que não lhe pertence, para seus verdadeiros donos. Ele “doa” a terra dizendo em forma de “poema”.

Para isso eu dou terras, p'ros índios morar/ daqui para missões, cabeceiras de Alagoinhas/Beira do rio Peruaçu até as montanhas/ pra o índio não abusar de fazendeiro nenhum/ eu dou Terra com fartura p'ro índio morar// A missão para morada/ o brejo para o trabalho/ os campos gerais para as meladas e caçadas/ e as margens dos rios para as pescadas. //Dei, registrei, selei/ Pago impostos/ Por cento e sessenta réis. (Mariz et alli,1982:16). (Mariz (1981) in Santos, 1997:40, cf. Nota nº 4) (relatório circunstanciado de reestudo de limites da Terra indígena Xakriabá p. 28)

OS MASSACRES SOFRIDOS COM OS XAKRIABÁS ENTRE OS ANOS 1926 A 1987

Nossos mais velhos nos contam que há muito tempo nosso povo vem sendo massacrado. Um fato que ficou muito marcado na nossa história foi no ano de 1926 quando aconteceu uma forte perseguição com nosso povo Xakriabá. Nessa perseguição, nosso povo sofreu uma grande ameaça perto das margens do rio São Francisco, na aldeia onde hoje é chamada Rancharia, um grande fazendeiro chegou ali massacrando os Xakriabá, fazendo um grande curral de gado, no local onde nosso povo fazia os rituais. Os Xakriabá revoltados com isso se reuniram e decidiram desmanchar, juntaram todas as lascas (pedaço de madeira) e apanharam fogo, deixando o fazendeiro revoltado.

Passado de alguns dias, o fazendeiro juntou com pistoleiro e foram até na aldeia chamada de Olho D'Água, onde os índios que haviam queimado a madeira estavam lá cantando um reis (Comemoração do nascimento de cristo); os pistoleiros pegaram eles e bateram muito até deixá-los estirados no chão, por isso deram o nome desse massacre o “Curral de Vara”.

De acordo com a história contada, nesse ano de 1926 foram massacrados o líder Xakriabá por nome de Germano Gomes junto com seu filho Augusto Gomes e quem nos conta essa verdadeira história é o Sr. Laurindo Gomes de Oliveira, filho de Augusto que está com 86 anos de idade. Por isso, jamais poderemos esquecer esses pontos muito importantes que marcou muito a nossa história, e nossos líderes são sempre os primeiros a serem perseguidos. Os agressores imaginam que acabando com os líderes a nação está devorada. Muito pelo contrário, para nós povo indígena Xakriabá, quando um líder morre em defesa do direito de todos, temos em consideração principal que o espírito irá fortalecer cada vez mais os que ficaram vivos trazendo mais sabedoria, garra e coragem, servindo de adubo para a nação indígena.

Nesse tempo as causas de nosso povo eram resolvidas no Rio de Janeiro e a viagem era feita a pé, levava seis meses para ir e voltar. Após o massacre, Germano Gomes e Augusto Gomes fizeram uma viagem ao Rio de Janeiro para procurar os seus direitos e nunca mais voltaram. O tempo passou e com alguns anos depois o povo Xakriabá escolheu uma pessoa para ser o cacique do povo e assim que Manoel Gomes de Oliveira, muito conhecido como Rodrigão, é colocado pelo povo Xakriabá. Ele foi uma pessoa muito importante que marcou a nossa história, ficou sendo cacique por muito tempo e depois de muitos anos de cacique apresentou muitos problemas de saúde que chegou a óbito no ano de 2004. E assim que o cacique Rodrigão morreu, o povo já providenciou colocar outra pessoa, assim que Domingos Nunes de Oliveira foi colocado como cacique geral Xakriabá. Para a colocação foi organizado a participação do povo e está sendo o cacique geral até os dias atuais. Lembrando que nosso território é composto de 36 aldeias com algumas áreas ainda em retomada. Em cada uma dessas aldeias possui uma liderança com a vice-liderança.

Durante a trajetória de luta de nosso povo, ocorreu várias passagens fortes que marcou para sempre no coração do Xakriabá. Entre os anos de 1960 e 1980, um órgão chamado Rural Minas invadiu nosso território fazendo uma espécie de loteação das

nossas terras despertando o interesse de muitos fazendeiros que viviam aos nossos arredores. Como diz Rafael Barbi Costa (2014).

A RURALMINAS, órgão fundiário do Estado de Minas Gerais, deu início a um projeto de desenvolvimento agrícola na região em meados de 1960. A possibilidade de inclusão das terras dos Xakriabá no projeto, tidas pelo Estado como “devolutas”, despertou o interesse de grandes proprietários de terra locais. Durante esse tempo, os Xakriabá assistiram à fragmentação de suas terras por meio de uma série de ações arbitrárias e violentas que, em grande medida, eram apoiadas por autoridades locais. (Rafael Barbi Costa e Santos Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Tefé, Amazonas, Brasil, 2014, p. 243)

Como afirma senhor Laurindo, a Rural Minas já chegou dividindo as terras e dava mais direito a que tinha maior condição de pagamento e favoreceu aos fazendeiros que aqui já estavam. Então, o nosso cacique Rodrigão, junto com outras pessoas, fez a denúncia de como estava a invasão das terras, pois os fazendeiros compravam um pedaço pequeno e o restante eles invadiam.

No entanto, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) tomou as providências necessárias e passou a dar assistência para o nosso povo. E durante todo esse processo, de peleja, o cacique fazia as reuniões, chamava os demais líderes e um desses era o finado Rosalino Gomes de Oliveira, que em todas as tomadas de decisões ele estava junto, tanto que todos os Xakiabás sempre tiveram muita consideração por ele, era também um grande líder.

Com base nessa trajetória de luta, os fazendeiros e pistoleiros perseguiram muito e devido nossos líderes estarem em frente nos combates em defesa de nossos direitos, eram os primeiros a serem marcados pelos pistoleiros. Nos anos de 1987, no dia doze de fevereiro, às duas horas da madrugada, um grupo de pistoleiros invadiu a casa do nosso grande líder Rosalino Gomes de Oliveira e matou o nosso líder junto com um parente por nome de Manoel Teixeira. Ouvindo o tiroteio, o cunhado de Rosalino, chamado de Manoel Fiusa, veio correndo ver o que estava acontecendo e aproximando do quintal da casa de Rosalino, um dos jagunços já o recebeu a facadas. Após algumas horas acabou morrendo. O maior responsável por toda essa chacina foi um homem por nome de Sr. Amaro. Lembrando que durante essa trajetória, os pistoleiros ainda deixaram a esposa de Rosalino que estava grávida e com uma criança no colo, com isso eles obrigaram ainda o filho pequeno de Rosalino, José Nunes de Oliveira, a arrastar seu pai para ver se

estava morto. A proposta destes pistoleiros era de praticar mais crimes com os demais líderes. Porém, um dos companheiros foi morto pelos próprios pistoleiros, por nome de Agenor, foi aí então que eles desanimaram e foram embora.

Depois que passou e amanheceu o dia, a FUNAI e a igreja tomaram as providências. Durante esse tempo a igreja entrou também deu assistência realizando celebrações e incentivando e orientando sobre os direitos indígenas, ainda fornecia cesta básica. A assistência que nosso povo tinha era muito precária e o acesso em tudo que precisava era difícil, mas a luta não parou. Nossos pais nos contam que foi um momento muito perigoso para o Xakriabá, e além desses fazendeiros invadirem as terras, ainda bagunçou a união do Xakriabá, convencendo muita gente a sair do território indígena.

Nesse tempo o nosso território pertencia ao município de Itacarambi, e o prefeito por nome de José de Paula, que também era um dos fazendeiros e interessados em nossas terras, ele foi um dos que convenceu muita gente a sair para Itacarambi, dizendo que lá já tinha terreno suficiente para todas as famílias morarem. E foi aí que muita gente saiu para Itacarambi, deixando suas casas, suas roças, com a intenção de uma vida melhor. Mas, foi o contrário, essas famílias ficaram morando em barracas de lona por muito tempo. Enquanto isso nosso povo sofria as ameaças dos fazendeiros.

Mas como dizia Rosalino “prefiro ser adubo mais não paro de lutar”, com essa frase ele tinha como encontrar força para lutar contra todos os perigos que se encontrava com nosso povo. O sangue dele serviu como adubo para que germinassem novos guerreiros para que dessem seguimento na luta do povo Xakriabá. Rosalino foi morto mais deixou vivas suas histórias para que fossem repassadas de gerações para gerações.

2. A LINGUA NÃO MORRE APENAS ADORMECE

A língua Akwen faz parte da família Jê, que integra o tronco linguístico Macro-Jê conforme mostra a classificação das línguas indígenas feita por Aryon Rodrigues (2013). Nessa classificação, Aryon Rodrigues mostra que os povos Xakriabá, Xavante e Xerente possuem o Akwen como língua nativa, sendo que essa língua sofreu transformações em seu uso por cada um desses povos.

Em conversa com nossos anciões Xakriabá, um deles me disse “A língua Xakriabá nunca morreu, ela apenas adormeceu”. Mas esse adormecimento não foi por que nós quisemos e sim pela imposição dos não índios, que perseguiram nosso povo a todo momento para não praticar nossa cultura, nossos rituais, nossas pinturas, nossas danças e nos proibiram de falar na nossa língua materna. Com tantos conflitos, com tanto massacres e perseguição com nosso povo eles foram obrigados a deixar de falar a nossa língua.

Conversando com nossos mais velhos, percebi que eles ainda têm um pouco de receio quando pedimos para eles falar a respeito da nossa cultura, especificamente da nossa língua. Eles falam que antigamente quando nossas terras foram invadidas todos Xakriabás falavam a nossa língua. Mas, os não índios nos obrigaram a falar essa língua que falamos hoje, o português. Eles também contam que quando falava na língua, os brancos pegavam nosso povo, batiam e até matavam e retiravam do grupo aqueles que teimassem a falar porque eles não entendiam o que nosso povo falava na língua:

Nosso povo Xakriabá teve várias ameaças pelos não índios para que nosso povo não praticasse a linguagem, ameaça de morte aqueles que se identificasse que sabia falar a língua Xakriabá, aqueles já era retirado do grupo se abrisse a boca pra falar alguma coisa que referisse a nossa cultura, falasse na língua, aquele índio era executado não deixava ele sobreviver. Então nesse tempo muitos que saía em busca dos nossos direitos já não voltava mais devido eles chegar lá e apresentar uma atividade que era da cultura, aí fomos obrigados a falar o português, não por causa que nos achou interessante o português e quis aprender, e deixar de falar nossa linguagem. (Entrevista José Araújo/Deda Xakriabá 17/04/2017)

Nosso povo sofreu muito tendo que deixar de praticar nossa cultura, nossos costumes, nossas tradições. E sendo obrigado a aprender outros costumes que não nos

pertencia, tendo até hoje prevalecido dentro do território Xakriabá: um deles é o português que fomos obrigados a falar, conforme já dito.

Com tanto sofrimento que nosso povo passou, torturas, massacres, mortes, muitos nos deram como a nossa cultura acabada. Mas, quem via assim estava completamente enganado de pouco a pouco estamos conseguindo reverter essa situação.

Hoje, nós Xakriabá, estamos em resgate de nossos costumes ancestrais, nossos mais velhos passaram por muito tempo guardando contigo esses conhecimentos, que por medo não se manifestava que sabia. E com isso perdemos muitos anciões que tinha entendimento muito grande da nossa cultura. Muitos anos se passaram e hoje estamos em busca da nossa língua de volta. Com ajuda dos nossos mais velhos, a escola e outros parentes estamos conseguindo resgatá-la.

Nossos mais velhos falam que para manter nossos costumes nossas tradições vivas, primeiramente precisamos respeitar a Mãe Terra, coisas que o branco não fez, tirou a terra do índio, para destruí-la, sem ao menos saber que estava destruindo a própria vida.

Meu povo hoje não fala fluentemente nossa língua ancestral, mas graças nossos mais velhos que guardaram consigo um pouco da nossa língua, estamos conseguindo resgata-la novamente. Hoje essas pessoas já não se encontram no meio de nós, algumas já faleceram e o outro mais jovem que falava nossa língua, saiu da aldeia para morar na cidade, por motivos pessoais. Esse jovem que estou me retratando se chama Zé Alves um grande conhecedor da nossa cultura como diz o senhor Alvinho Alves de Barros do qual vou falar mais à frente.

OS PRIMEIROS PASSOS PARA RESGATAR NOSSA LINGUA

A nossa luta pelo resgate da nossa língua se fortalece, quando nossas escolas passam a ter professores indígenas. Até então funciona com professores brancos que não sabiam nossa realidade. Para que isso mudasse teve uma luta constante do nosso ex-cacique Rodrigão em (memoriam) junto com nossas lideranças. Juntos começaram a reivindicar pelos nossos direitos a uma educação diferenciada, que por lei já estava garantido na Constituição de 1988. Essa luta se fortalece em 1995, com a parceria da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Estado e a Secretaria de Educação de Minas Gerais, criou o Programa de Implantação de Escolas Indígenas (PIEI), onde o programa iria atender todos os povos indígenas de Minas Gerais, esses órgãos juntos com nosso povo realizaram reuniões, debates e acordos de como iria funcionar nossa escola. Naquela época nossas escolas, eram administradas pelo município, com professores brancos, o prefeito era contra nossos direitos, dizendo que os índios eram incapazes de ser professores.

Em 1996 foi escolhida a primeira turma de professores indígenas para fazer o Magistério Indígena, tendo professores de quase todas as aldeias, indicados pelas lideranças e o ex cacique Rodrigo. Essa turma se deslocou da reserva para o Parque do Rio Doce com um ano de estudo os mesmos já assumem a sala de aula, dentro de suas aldeias tendo um imenso desafio para provar, até mesmo para a própria comunidade, que eram capazes de ser um professor indígena.

Com os professores sendo indígenas, ajudou a fortalecer a nossa cultura, trazendo para escola nossos costumes, tradições que até um tempo estavam sendo esquecidos, deixando somente na memória dos nossos mais velhos. Então a escola foi e está sendo uma grande protagonista de buscar esses conhecimentos, proporcionando encontros para nossos anciões irem até a escola e repassar para nossas crianças nossos costumes, tradições, nossas crenças, fortalecendo ainda mais a nossa cultura.

A partir daí a nossa busca pelo resgate da nossa língua aumentou, com base de pesquisas, conversas com nossos anciões e anciãs, descobrimos que ainda tinha pessoas que ainda falavam poucas palavras. Mas, para se aproximar dessas pessoas e conseguir que elas falassem algo a respeito foi muito difícil, facilitou um pouco que naquela época alguns professores que entraram tinham parentesco mais próximo a essas famílias que ainda falavam.

Inicia o resgate da nossa língua procurando aqueles mais velhos que ainda dominava um pouco da nossa língua, onde encontrou muita dificuldade, que aqueles velhos que sabia tinha certo medo de demonstrar seu verdadeiro conhecimento sobre a nossa língua, pela opressão que já tinha sofrido no passado. Mas, com tanta resistência, nosso povo ainda conseguiu resgatar desses mais uma boa parte do nosso vocabulário. Com isso nosso povo pensou várias maneiras de buscar nossa língua de volta e vou procurar citá-las.

COMO A LINGUA É REPASSADA NA ESCOLA

Uma dessas maneiras é na aula de cultura, que no ano de 2008 deu início a contratação de professores de cultura nas nossas escolas, onde eles têm um papel fundamental no ensino da nossa língua nas escolas. Na época foram contratados 12 professores de cultura, em cada escola escolhia um ou dois para trabalhar, do número de alunos de cada escola, dois para aquelas que tinha maior número de alunos de diferentes aldeias. Esses professores não ensinam a língua Akwen diretamente, mas a introduz aos alunos por meio de músicas e palavras soltas como: kãmkehé (Deus), akwã (céu), tiká (terra). Por vezes, os professores traduzem algumas músicas do português para akwen.

Percebendo a necessidade de trabalhar a nossa língua dentro da sala de aula, os professores procuraram meios de registrar palavras na nossa língua, onde conseguiram registrar 32 palavras, faladas por Zé Alves que estão escritas em um livro produzido pelo nosso povo Xakriabá “O tempo passa e a história fica” sendo o autor Zé Nunes, o atual prefeito do nosso município São João das Missões e também aluno da primeira turma. Com essas palavras, os professores começaram a trabalhar nas escolas a nossa língua de várias formas para que os alunos se dedicassem para aprender. Uma delas mais trabalhada até hoje, é através das músicas na língua, muitas delas produzidas pelos próprios alunos com a ajuda dos professores.

Percebemos que através das músicas os alunos aprendem mais rápido. Primeiro, a música é passada no quadro, em seguida reunimos os alunos fora da sala e fazemos uma roda e com o som do maracá inicia-se a música, ao mesmo tempo cantando e batendo o pé e rodando de acordo com o ritmo do canto. E ali, com as forças dos nossos encantos, os alunos começam a aprender com mais facilidade, sendo que uns desenvolvem com mais rapidez e outros demoram mais um pouco. Mas assim, as aulas ficam mais dinâmicas, onde todos participam. Muitas das músicas trabalhadas nas escolas foram resgatadas com nossos mais velhos e outras são produzidas pelos próprios alunos.

Um das formas de fazer as músicas com os alunos, primeiro é caçar palavras que tenham algum significado para nosso povo, como a mãe Terra, e tudo que tem em volta dela que traga força para nosso povo, os animais, os pássaros, o céu, a água, os peixes. Muitas das vezes essas palavras são passadas no português e depois traduzem

para a nossa língua ou vice-versa. Também é ensinado as crianças desde pequenas que as músicas não é somente aprender cantar e sim entender suas ciências, porque cada uma delas tem seu significado. Nas aulas com os alunos, primeiro as músicas são produzidas no português depois traduzidas para nossa língua.

Outra forma de trabalhar a língua é através das frases. Com os alunos das séries iniciais, os professores utilizam frases na língua Akwen e pedem os alunos para traduzir e vice-versa e os alunos utilizam o vocabulário com a palavra em Akwen e em português, para fazer a tradução. Já com os alunos das series finais, os professores pedem para eles mesmos produzir as frases também utilizando o vocabulário, para testá-los se estão aprendendo mesmo, como fala o professor de Cultura Edilson Alves de Barros (2017):

No começo eu trabalhava mais era perguntinha, história brincadeira né, cantiga de roda, ariri aí depois eu fui pegando um pouco da dança, a pintura também no começo mais foi isso mesmo, aí foi passando tempo eu fui aprendendo algumas palavras na língua, aí comecei a trabalhar com a língua. Hoje eu gosto de trabalhar muito na língua com as palavras e produção de frases fica mais fácil deles aprender. Primeiro eu passo as palavras na língua depois passo significado no português, depois de um certo eu passo só na língua para eles mesmo resolver para ver se eles mesmo já estão aprendendo, eu trabalho na parte da língua e desse jeito mais palavras soltas e frases. (Trecho da entrevista com Edilson Alves de Barros)

Também fazemos desenhos no quadro, de animais, objetos, árvores, plantas, pessoas, pintura e outros, e pedimos para eles desenhar. Em seguida, pedimos para eles colocar os nomes na língua e também no português, dessa forma percebemos que os alunos se interagem com mais facilidades nas aulas. Outra forma utilizada através também de desenhos, é com trabalho de campo realizado dentro da mata. Primeiro entregamos para os alunos uma folha de sulfite. Em seguida, explicamos o objetivo da aula, desenhar algo que eles mais gostaram na mata, depois em sala pedimos os alunos para escrever os nomes dos seus desenhos na língua Akwen.

3. ALGUMAS AÇÕES PARA APRIMORAMENTO DA LÍNGUA AKWEN

Uma outra ação de retomada da língua foi estimulada pelo cacique Domingos. Vendo a necessidade da busca pela nossa língua, nosso cacique Domingos buscou um projeto com o propósito de levar uma família até nossos parentes Xerentes para entender um pouco da nossa história, e também aprender a nossa língua, porque como diz, nossos mais velhos nós éramos um só povo. Esse projeto teve início no ano de 2008. No início nosso cacique fez reunião com várias famílias para ver qual se disponibilizaria deslocar do Xakriabá até o povo Xerente no Tocantins. No início, muitas famílias recusaram por ser muito distante. Até que encontrou uma família que disponibilizou de ir morar por um determinado tempo na aldeia de nossos parentes com objetivo de trocar experiências, uma delas foi de aperfeiçoar, nossa língua. Para realizar esse intercâmbio com nossos parentes teve uma conversa do nosso cacique Domingos com o povo Xerente que nos apoiou muito. O pessoal que disponibilizou a ir foi a família de senhor Jair Somõri Xakriabá. Naquela época eles moravam na aldeia Morro Vermelho e saíram de lá com o propósito de aprender nossa língua durante um certo tempo, e depois eles retornar, com o objetivo de ensinar nosso povo a falar o Akwen. Eles conseguiram aprender e retornaram para aldeia de Rancharia, falam 100% a língua Akwen, tem todo o material por escrito, porém ainda não está ensinando ou atuando nas nossas escolas. Numa entrevista com nosso Cacique Domingos ele relata que:

A gente enviou essa família para morar um tempo e resgatar junto com eles a nossa língua. Depois eles voltassem para cá e pudessem contribuir ou retribuir junto com a gente, o que a gente fez por eles também que é o reconhecimento enquanto Xakriabá né. Essa família já voltou a gente tá aguardando um retorno deles, uma conversa pra saber como a gente vai implantar um projeto de resgate da língua para nosso povo. (Entrevista de Domingos Nunes de Oliveira)

Por outro lado, Tkadi Xacriabá, filha de sr Jair que também fez esse estudo com nossos parentes Xerentes, relata um pouco da história de como deu início a esse intercâmbio.

O intercâmbio deu início através de uma iniciativa projeto de prêmio de Cultura pelo cacique Domingos Nunes, onde esse projeto foi aceito, no ano de 2007, mas ai teve a proposta dele que uma família iria para povo Xerente, e ao longo do intercâmbio ter aulas com os prof. linguista assim aconteceu eu e minha família fomos para lá no

ano de 2010, mês de abril. (Entrevista com Ana Flávia Tkadi Xakriabá 04/06/2018)

O intercâmbio para revitalização da língua não se deu sem dificuldades, como relata Ana Flávia em entrevista:

No início tivemos ajuda de custo no primeiro ano depois tivemos que si virar sozinhos, não recebemos o dinheiro do projeto como tinha sido proposto que toda nossa estadia seria arcada pelo projeto e não houve. (...)

As dificuldade foram muitas; o preconceito que nos ouvia os parentes Xerentes citar o nosso povo, que não consideravam eles como indígena por não falar a língua e não parecer indígena, isso nos deixava triste porque dói ouvir essas coisas. E as outras dificuldades foram financeiras porque sem emprego sem renda nenhuma vivemos com ajudas que as pessoas nos dava. (Entrevista com Ana Flávia Tkadi Xakriabá 04/06/2018)

Ela relata também sobre o conhecimento que tinham da língua antes do intercâmbio e o que aprenderam no período que estavam nos Xerentes.

Antes de irmos para fazer o intercâmbio já tínhamos conhecimento da língua, levamos um dicionário já pronto que meu pai Sômõri havia escrito desde o ano 1998; havia pesquisado com a minha vó ela era falante da língua; então quando nós fomos, nós já falava e já sabia a língua, a única coisa que nós não sabia era a escrita da nossa língua escrevia igual o português. (...)

Então ficamos 4 anos vivendo no meio do povo Xerente, fizemos o curso de linguista dado pelos prof linguista; quando eles nos deram o certificado de conclusão. (...) Sim somos 100% falantes. Temos o nosso dicionário hoje corrido com a escrita correta falta só ser publicado; temos cartilhas feitas para ajudar no ensino nas escolas. Temos vídeos que pesquisamos com os velhos Xerentes que conta história do nosso povo Xakriabá a origem e as histórias. Voltamos para Minas pois era nosso intuito de voltar ensinar a língua e sermos o primeiros professores da língua, no curso aprendemos a escrita e gramática e como alfabetizar as crianças em nossa língua, porque falar nós falava mas não sabia repassar esse conhecimento nas escolas (Entrevista com Ana Flávia Tkadi Xakriabá 04/06/2018).

Esperamos essa conversa dessa família com nossos Caciques e lideranças ocorra para que possa acertar uma forma de eles poder trabalhar nas escolas, por vermos o interesse das crianças da juventude de aprender a nossa língua. Pensar uma proposta de ensino que possa contemplar todas as escolas Xakriabá.

Temos alguns materiais passados por eles, na língua, mas, porém, a forma de escrever é uma, a de falar é outra e isso também é importante aprender, e isso pode ser repassado por eles que já estão habilitados, são falantes estão preparados para ensinar nosso povo.

Também o Magistério Indígena foi uma peça fundamental na ajuda do resgate dos nossos conhecimentos ancestrais, abriu caminho de como nossos alunos iriam conversar com nossos mais velhos, para transmitir da oralidade para textos escritos, contando a nossa verdadeira história, que por muito tempo era contada pelos não índios, e na maioria das vezes era contada numa versão contrária à nossa realidade.

Sempre soubemos que a nossa língua ancestral não tinha morrido, que ainda tinha alguns velhos que falavam. Mas para descobrir isso foi preciso muitas pesquisas, conversas com nossos anciões, até então conseguiram encontrar falantes da nossa língua. Não totalmente dominava, mas, boa parte. O maior desafio foi que eles permitissem a registrar essas conversas, eles ainda tinham muito receio e medo, de tudo que aconteceu no passado, como já dito antes.

Tinha também um professor nessa primeira turma que falava um pouco da nossa língua, o nome dele é Zé Alves. Ele aprendeu com sua avó que se chamava dona Cilú, que também era uma falante. Ele era professor da aldeia Brejo Mata Fome na qual ele morava. Segundo sr Alvino, ele já tinha um grande conhecimento da nossa cultura, não só sobre nossa língua, mas também dos nossos segredos, o nosso ritual do toré.

A partir do resgate de algumas palavras com nossos mais velhos, e com Zé Alves conseguimos identificar o qual tronco linguístico nos pertenciamos, tendo como parentesco mais próximo os Xerente e os Xavante. Como afirma sr Alvino Xakriabá:

Os Xerente e Xavante e o Xakriaba eles são um sangue só, então a língua era uma só porque antes nós era um só povo ai devido as invasões de nossas terras esses povos se separaram. Mas é tronco só né, o tronco linguístico por que isso é o que a gente sabe, hoje os Xerente não perdeu eles continua falando a língua indígena e nois Xakriaba adormeceu um pouco, mas sabendo que somos um povo só, mas devido a gente ter se dividido em grupo onde ficou dividido xerente Xakriabá uns foi para um lado outros foi para outro, e acabou separando, o que a gente sabe que a gente convivia né é que xakriabá no antepassado convivia muito junto com xerente e os xavante, por que no encontro dessa margem do rio são Francisco passou muito xerente, xakriaba e xavante por lá, sempre esses grupos deles as vezes ficava um tempo num lugar ai mudava pra outro né até chegou o

ponto de separar aí cada um pegou um destino. (Entrevista com Sr Alvinho Alves de Barros 20/04/2017).

Com a separação desses povos, os Xakriabá perderam vários costumes ancestrais devido ter vindo para uma região, onde teve muito conflito com os não índios. Isso afirma Sirepité Xakriabá:

Nosso povo deixou de falar nossa língua ancestral a língua akwen devido a distância que tivemos dos nossos parentes xavantes e xerente, quando nós tava falando junto com eles nos não tinha essa cisma de falar, mas quando nós saímos pra outra região nós ficamos com aquele receio de falar. Também os brancos nos proibiu de falar na nossa língua, eles chegava e ameaçava e obrigava nois falar o português por que eles não entendia o que nois tava falando aí então quando estava quando estava só o grupo nosso nois falava aquelas palavras na linguagem nossa a língua akwen, mas com isso no decorrer do tempo por ter passar por muitos estados acabamos deixando de falar de falar devido muitas persiguições dos não índios. Quando a gente não pratica acaba esquecendo e adormece ali, se a gente fala também mas tem hora que a gente não consegue lembrar o significado no português por devido ter parado de falar há muito tempo. (Entrevista com José Araújo Deda (Sirepité) Xakriabá 17/02/2017).

Zé Alves também começou a ensinar a língua na aldeia do Brejo Mata Fome, mas foi por pouco tempo, muita gente ainda aprendeu algumas palavras com ele, logo ele adoeceu e teve que parar, largou o serviço de professor e saiu da aldeia. Segundo sr Alvinho, Zé Alves estava aprendendo nossa língua espiritualmente (a partir de sonhos e através dos nossos rituais sagrados), um dom repassado entre família, mas tem que ter muito cuidado, guardar muitos segredos:

Nos tinha Zé Alves meu sobrinho ele conseguia ainda falar nossa língua, mas onde chega aquela parte que eu falo a parte mais forte espiritual que nem todas a famílias pode conseguir Zé Alves conseguiu, ninguém sabe cuma que ele conseguiu, mais ce vê era um dus mais novo aí onde eu falo: é de família mesmo, é de família, mas nem todos conseguem né? Ele teve essa oportunidade de conseguir falar nossa língua, ele buscou mesmo espiritualmente, mais aonde tem que ter cuidado. (Entrevista com sr Alvinho Alves de Barros 20/04/2017)

Zé Alves já estava adquirindo um grande conhecimento também do ritual sagrado do nosso povo Xakriabá que é o ritual do Toré, que nele também nossos mestres conseguem entrar em contato com a nossa protetora, Iaiá cabocla, onde ingere a bebida sagrada a Jurema. O Toré é um segredo que nosso povo guarda desde muitos e muitos anos atrás que vem sendo passado de gerações para gerações que foi muito ameaçado pelos invasores de nossas terras há muito tempo atrás.

Nesse ritual, nossos costumes ancestrais, inclusive a nossa língua se manifestam espiritualmente. Ainda temos pajés que são os mestres dos terreiros, que tem muito entendimento desse segredo. Nesse ritual não é qualquer pessoa que participa, tem que ter uma preparação antes com nossos anciões, mesmo assim se ele não tiver o dom não consegue participar. Também esse ritual não pode ser apresentado com a presença de não índios. Isso já é uma regra deixada pelos nossos antepassados que vem sendo respeitado até nos dias de hoje. Conversando com seu Alvino, pude concluir que o ritual do toré tem uma ligação muito forte com a nossa língua ancestral, porque ele fala que Zé Alves estava aprendendo a língua espiritualmente, através de nossos encantos e ao mesmo tempo adquirindo um grande conhecimento do nosso ritual do toré.

Segundo sr Alvino:

Zé Alves teve o conhecimento muito bom a parte do terreiro, ele aprofundou mesmo buscou e conseguiu e ele ficou um tempo bom, até que tem pessoas aqui que tem muitas palavras na língua que ele deixou, ele começou falando um pouco, mais dentro desse pouco tempo ele ficou uns dois anos mais ou menos, ai ele começou depois já não guentava mais trabalhar, as coisas foi se apertando. (Entrevista com sr Alvino Alves de Barros 20/04/2017).

No trecho abaixo, o professor Deda aponta dois problemas: pouco tempo para as aulas de cultura e o fato de um professor não conseguir atender todas as turmas da escola. Sobre o segundo problema cabe destacar que nesta escola ainda não tem professor de cultura contratados para atuarem de 5^a a 8^a série:

Aula de cultura de 50 minutos é pouco para a gente atender uma turma, então a gente precisa pensar outra, um atendimento que seja mais frequente um horário maior por que também né, no meu caso eu trabalho de primeira a quarta serie e meu contrato é de primeira a quarta série, mas se eu trabalhar só nessa serie e quinta e a oitava e ensino médio ai fica difícil. Porque, enquanto uns recebe um conhecimento da nossa cultura mais tem os outros também que querendo receber esse conhecimento e com esse horário bem

picadinho né, tem hora que gente passa ne uma turma já tem de passar ne outra ai fica mais difícil, então a gente tem pensar ne outra forma. Enquanto a matéria de português, matemática é 4 ou 5 aulas, acho também que deveria pensar uma forma para aumentar a carga horaria também de trabalhar a questão da cultura. (José Araújo (Deda ou Sirepté) 17/04/2017).

O professor Deda fala de como a língua não se perdeu totalmente prevalecendo a partir da memória dos mais velhos, da atuação de uma família no resgate da língua, e de como ele ensina a língua dentro da sala de aula:

Se a gente conseguiu conservar algumas palavras hoje foi através dos nossos velhos, nossos pajés e tem uma família muito especial que é família de senhor Jair Krenká Somori que tiveram essa oportunidade esse privilégio de conseguir através de um intercâmbio né entre xakriabá e xerente, e eles conseguiram recuperar 100% a nossa língua. Algumas das palavras que a gente conseguiu conservar do akwen foi repassada por essa família. Mas eu pessoalmente não tenho trabalhado diretamente em sala de aula com os alunos essas palavras, a gente repassa para eles algumas palavras é através das músicas, também facilita muito a criançada aprender. Mas as palavras soltas: um exemplo se eu falo uma palavra e ao mesmo tempo eu já dou o significado no português até então eu não tenho trabalhado dessa forma até mesmo a questão de consideração e respeito a essa família que fazer esse intercambio. Por que também se a gente trabalhasse diretamente com essas palavras, para eles que tinha saído daqui com tanto sofrimento, gastando, passando fome e até mesmo por dificuldade que eles estão... de saúde. E se a gente fosse trabalhando aqui na sala de aula com essas palavras, para eles não fazia tanto sentido, assim é desclassificar o trabalho deles. José Araújo (Deda ou Sirepté)

O professor de Cultura Elizélio (Durkwa) ele fala da importância da língua para identidade indígena e reforça a importância do resgate da língua para o povo Xakriabá:

É uma questão muito complicada que hoje a gente sofre ate discriminação ate mesmo de outros povos indígenas por não falar o idioma a gente sabe que muitas vezes o que consideram mesmo o que reforça mesmo a identidade indígena né fora a parte cultural que também a língua, faz parte da cultura, por que quando você fala a língua já dá algo a mais na identidade já da mais uma reforçada e também muitas vezes quando alguém pergunta pra gente né na cidade os brancos perguntam você é índio? Eu sou. Aí muitas vezes ele acaba procurando qual é o idioma que você fala? Por muitas vezes também esta muito fixado na historia do livro né muita gente acha que o índio de hoje tem que ser aquele índio que ta lá no livro, ai a gente sabe que as coisas já mudou bastante. Por a gente não falar o idioma acho que é uma questão muito complicada, hoje a genta vem lutando por esse

resgate até que hoje a gente já tem em todas as escolas Xakriabá temos os professores de cultura que a gente vem lutando bravamente para esse resgate. (Elisélio Santiago Oliveira (nome indígena DURKWA) 09/08/2017).

Ele fala da importância do ensino da língua para as crianças para que esses conhecimentos não sejam perdidos na memória dos mais velhos:

Da um pouquinho de trabalho mais a gente consegue e hoje o futuro nosso é as crianças porque a língua ela é considerada uma língua morta quando só tem os velhos falando, para ser considerada língua viva tem que ensinar as crianças a falar que elas são o futuro, se as crianças falar, os filhos delas vão falar, os netos delas vão falar então por isso nós de hoje do presente temos que fazer o máximo de estudo e aprimorar aprender mesmo para gente ensinar as crianças no futuro. (Elisélio Santiago Oliveira (nome indígena DURKWA) 09/08/2017)

Compreendo que todos os mais velhos quando houve pergunta sobre a nossa língua tem certo receio de aprofundar sobre isso, mas ao mesmo tempo percebo a preocupação nos olhos deles dizendo: temos que aprofundar sim nessa busca do resgate da nossa língua. Quando eles falam que devemos ensinar nossas crianças é porque tem muitos conhecimentos ainda que devemos buscá-los com esses verdadeiros sábios.

Nós acreditamos que cada dia que passa nossa busca pelo resgate da nossa língua vem crescendo como já citei no meu trabalho, quando começou essa pesquisa pelos professores da primeira turma do magistério no ano de 1996, eles encontraram muitas dificuldades, por ter poucas pessoas que dominavam um pouco da nossa língua, e as mesmas também tinham medo de demonstrar que sabiam falar. Onde naquela época conseguimos registrar apenas 32 palavras e que hoje esse número aumentou muito, graças ao intercâmbio que tivemos com os Xerentes, que foi a família de senhor Jair já citado acima. O número de palavras faladas hoje pelos Xakriabá varia de aldeia para aldeia algumas falam mais outras falam menos, ainda não temos um material escrito disponibilizado nas escolas ou para as comunidades que mostra passo a passo de como se escreve e como se lê a nossa língua Akwen Xakriabá.

Abaixo, trago algumas palavras na nossa língua Akwen com a tradução para o português, essas palavras falamos no nosso dia a dia, ensinamos na escola para as crianças, está presente também nas músicas cantadas pelo nosso povo.

GLOSSÁRIO XAKRIABÁ

WYKITU-----	VENHA CÁ
AYMAMAM-----	RAPAZ
ORADIJOICA-----	HOMEM BRANCO
CIPREDE -----	INDIO
DAYPOGRY-----	ORELHA
DAPUTU-----	PEITO
DADU-----	VENTRE
BAPÁ-----	BRAÇO
DAPRA-----	PÉ
SOUJARY-----	CAVALO
CRACUTY-----	BICHO DE PÉ
TUPÉ-----/-----	PEIXE
SIDARPÉ-----	PENA
PONHY-----	CARNE
DEÇU-----	FOLHA
AYMOAPTE-----	GRANDE
AYCUTÉ-----	CRIANÇA
DAPSIDE-----	BONITO
OIPREDÉ-----	VERMELHO
HEMETROTONG-----	UM
PRONÉ-----	DOIS
ENCUNTANTONG-----	TRES
MOROPÕY-----	QUATRO
D ASHIPRICA-----	MÃO/DEDO
D APAHNG-----	MEMBRO MASCULINO
DIAGRI-----	SEXO FEMININO
D PUTU-----	PESCOÇO
D ATOMONG-----	BARRIGA
AYTO DADAMÁ-----	OLHO
ANGRATÁ-----	AVÓ/AVÕ
AMIOTSCHÉ-----	BANANA
BACOTONG/BICONG-----	FILHA
PIKON-----	MULHER
ESTRAGÓ-----	SOL
DATEA -----	PERNA
DATOHÁ-----	BOCA
CORNECORNE-----	ARCO
CUDAIÓ CRIOU-----	TAMADUÁ BANDEIRA
CUDAIO-----	PORCO DO MATO
UKU-----	ONÇA
IMSCGIUTU-----	TIO
INGRA-----	FILHO
MANAMÃ-----	FUMO
ETIKÉ-----	FLECHA
D AGRANG-----	CABEÇA

GOABSANG	CÃO
GRY	CASA
OAYTOMARIM	ESTRELA
OÁ	LUA
OTÉ	ARVORE
CUPASCHU	FARINHA
KÚU	AGUA
KUTSCHE	FOGO
MAMANG	PAI
CHURER	ANTA
NCHATARI	MÃE
D AHASCHI	CABELO
BALOZINHA	MENINA
TICA	TERRA
AMBA	HOMEM
AIKUTE	CRIANÇA
AHIANTÃ	OBRIGADO
HAITND	BOM DIA
HUMINIXÃ	XAKRIABA
AKWÊ	POVO/GENTE
AOYNTCHÃ	NÃO
BUKIMUJU	VIADO
D AKRA	FRUTO
D ASIGRI	NARIZ
INSKGIUTU	TIO
SCHIKTONG	GESTO
XUKURANK	BOA ESPERANÇA
SKRAYPAHNG	CHAPEU
SCHIKA	GALINHA
TUCHAM	TATU
TONEGRY	CANTAR
UI	DEI-ME
TAKUSCHÃ	CAMISA
SCHIGRAN/GEKUSPSCHI	LENÇA DE PESCOÇO
KUPTAKU	GADO
KAMKEHE	DEUS
IMPÃ	SIM
IMTSCHÉ	É BOM
TAKURATE	SAIOTE DE MULHER
TAGRA	FACA
TIBIKWERA	CEMITERIO
GOABISANG	CACHORRO
INTUSCHAYMURIM	SAI FORA
DASIWAVE	ANCIÃO
KUKUSÉ	CACHAÇA
KUTETÉ	VENTO

LAVAZAR MANAMAM-----	FUMO
KUZUPSCHI-----	PENA DO COCAR
HAIMBIANK-----	BOM DIA
DASAKRU-----	ALDEIA
HAIMPONOT-----	BOA NOITE
AKWÃ-----	CÉU
ANTÃ-----	VOCE
HINTON-----	E
DEANDÃ-----	LINDA
AIOMCHÃ-----	NÃO
TACURATE-----	SIOTE DE MULHER

Durante a realização desta pesquisa, localizei o livro *Viagem às nascentes do Rio S. Francisco pela província de Goyaz*, do viajante Auguste de Saint-Hilaire. Neste livro, o viajante fala de sua passagem no território Xakriabá em 1819 e narra o encontro com dona Maria Rosa, falante do akwen, com quem ele registrou algumas palavras dessa língua que estão no livro. Saint-Hilaire nomeia os Xakriabá como Chicriabá. Abaixo trago as palavras catalogadas esse viajante:

GLOSSÁRIO "CHICRIABÁ"

SOL -----	STACÓ
LUA -----	UA
ESTRELAS -----	UAÍTEMURI
TERRA -----	TICA
AGUA -----	KU

(O *u* se assemelha um pouco ao *eu* francês.)

HOMEM-----	AMBÁ
------------	------

(O *a* final tem um som bastante gutural.)

MULHER -----	PICON
CRIANÇA -----	AÍCUTÉ
MOÇA -----	DEBÁ
RAPAZ -----	AÍMAMAN
HOMEM-----	ORADJOÍCA
NEGRO-----	ORADJURA
INDIO -----	OÍPREDÉ
CABEÇA-----	DACRAN

(O *an* final, nessa palavra e nas outras, tem um som surdo, intermediário entre o *a* e o *an* francês.)

CABELOS -----	DAJAHÍ
OLHOS -----	--DATOMAN
NARIZ -----	--DASCRI
BOCA -----	--DAÍDUA
ORELHAS -----	DAÍPOCRI
PEITO -----	--DAPUTU
VENTRE-----	DADU
BRAÇO-----	DAPÁ
PÉ -----	DAPRÁ
MÃOS -----	--DAJIPCRA
CAVALO -----	--SOJARI
VEADO -----	-PÓ

(O o muito aberto.)

ANTA -----CUTÓ

(O o bastante gutural.)

BICHO DE PÉ -----	CRACUTI
PEIXE -----	TUPE
PENA-----	-SIDARPI
CARNE -----	-PONNHI
ARVORE -----	ODÉ

(O e fechado, como o é francês.)

FOLHA -----	DEÇU
FRUTO -----	DECRAN
CASCA DE ARVORE-----	ODÉU
GRANDE -----	AÍMOAPTÉ
PEQUENO -----	AÍCUTÉ
BONITO -----	DAPSIDE
VERMELHO-----	OÍPREDÉ

Através das músicas conseguimos praticar nossa língua com mais frequência, e muitas das vezes somos questionados com perguntas “bobas” Você é índio? Então fala na língua? E muitas das vezes a acaba recuando sem saber dar uma resposta, e quando você está cantando na nossa língua a gente está praticando o nosso akwen. Através dos nossos cantos conseguimos buscar forças, espiritualidade que buscamos com nossos ancestrais, cantos esses que muitos são vindos através de sonhos como conta nossos anciões.

Abaixo trago algumas músicas escrita na nossa língua, cantadas pelo nosso povo, em nossos rituais, onde tem um grande significado para nós, algumas são orações para abrir o ritual outras são cantos para buscar forças espirituais.

AKWEM HUMINIXÃ TONEGRY

1. HUMINIXÃ, HUMINIXÃ KANKEHE NAKOAK
BUKINUK ETYKE (bis)
HUMINIXÃ BAIKONG BIKONG (bis)
OAYTOMORIM KANKEHE AMIOÁ (bis)
2. WYKITU WYKITU WYKITU (bis)
INTSCHE TONEGRY TONEGRY (bis)
WYKITU ESTRSGÓ OÁ
TICÁ AKWÃ WYKITU (bis)
3. WYKITU INTSCHE DEGRÃ (bis)
WYKITU WYKITU (bis)
WYKITU DAGRY AMBÁ OIPREDÉ (bis)
KURINÃ WYKITU HÔHÔÔÔ (bis)
4. AHUMNA PÔTBO
ZARO A KRUAIZA
KROATÁ
ZARO A KRUAIPÃ
5. TENEOKÃNÃK DUÃ NAYGRÁ (bis)
DEIN KEHÉ DUÃ HUNINIXÃ (bis)
DOÃ FOI KIM HÔHÔHÔHÔ (bis)
6. NANDOÃ HÃ (bis)
HUMINIXÃ HÃHÃ NANDOÃ (bis)
HARUÁ MUNDURY MANDASSAIA URUÇU
RAIZ DE IMBU NANDOÃ JATAI (bis)
7. KANKEHE UI HEMERITON CUSUPSCHI
KANKEHE UI HEMERITON TAKURATÉ
KANKEHE UI HEMERITON ETYKÉ
KANKEHE UI HEMERITON KONE KANÉ
AHIANTÃ KANKEHE AKWÃ HEI HEI
KANKEHE AHIANTÃ (bis)
8. AYKÃ UNKU AYKÃ UNKU HÔHÔ
WYKITU NIGRY WYKITU NIGRY
INTSCHE INTSCHE HÔHÔ (bis)

INTSCHE NIGRY WYKITU NIGRY

9. WAYNORINTÕ XAKRIABA (bis)
WAINORINTÕ AKWE TABI (bis)
WAZAR SONOMONOKRÉ (bis)
WAYTEPOZAWRÉ HAHAY INTSCHE (bis)
ODEKRANTIZÉ ODEKRATIZÉ (bis)
HEIA HIEA HEIA HEIA HEIA HÁ (bis)
10. AKWE HUMINIXÃ TONEGRY
UKÃ KANKEHE TUPÃ (bis)
WYKITU NUTUHU HUMINIXÃ (bis)
TUPÃ HYTÃ CIPREDÉ (bis)
WYKITU NUTUHU HUMINIXÃ (bis)
11. NÃ DOÃ PARAIÁ
NÃ DOÃ HUMINIXÃ (bis)
HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA
HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA (bis)
NÃ DOÃ CAIPORA
HINTÃ GÕNY DEYM KÃYNKÃ (bis)
HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA
HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA (bis)
JÁ KÃYNKÃ UKU
HINTÃ CUDAIÓ (bis)
HEIA HEIA HEIA
HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA
HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA HEIA (bis)
12. AHiantã, Aymoapte Mamang akwã (bis)
HITÃK AYKÃ AYMOAPTE NCHATARI TICÁ (bis)
TENEÓ KRÃDEKÃ HEIA HEIA HEIA AHiantã (bis)
13. WATÕ TODACITY TODACITY CABURÕ (bis)
TEHARETE TODACITY CABURÕ (bis)
WATÕ PSEDY PSEDY TAKÃRE (bis)
TEHARETE PSEDY TAKÃRE (bis)
14. OAITO OAITO OAITO DADAMÁ (bis)
DEBÁ PSEDY TONEGRYKAROÁ (bis)
HEI HEI HEI HEÁ (bis)
DEBÁ PSEDY TONEGRY KAROÁ (bis)
15. NAKROÁ NAKROÁ
NAKROÁ HEI NAKROÁ (bis)
NAKROÁ NAKROÁ
NAKROÁ HEI NAKROÁ (bis)
16. HARUA KROATÁ

HARUA KROTÁ
HUMINIXÃ (bis)
NÃ DOÃ HÕ HUMINIXÃ HÕ (bis)

17. NÃ DOÃ GRIRÕ PÃKI
NÃ DOÃ HUMINIXÃ
NÃ GÕNY SASARI
NUNTUN PÃKINÃ TOMANG (bis)
BARUE KIRIRI Õ REINA REINA
BARUE KIRIRI Õ REINA REINA
Õ KORNE KANE E ETYKÉ
NASSARI PÃTSOTÁ HINTÃ UKU HINTÃ CHURÉ (bis)
BARUE KIRIRI Õ REINA REINA
BARUE KIRIRI Õ REINA REI
18. WÁ WÁ (bis)
TONEGRY AKWÃ
HEI HEI HEI WÁ (bis)
19. WYKITU AHÃKYÃ AHÃKYÃ AHÃKYÃ
WYKITU AHÃKYÃ AHÃKYÃ AHÃKYÃ
INTSCHE TONEGRY KUMPÃK
TUNÃKÃ AHÃKYÃ (bis)
HEI HEI AHÃKYÃ (ambá)
HEI HEI ÃHÃ KYÃ (pikõ)
20. MAMANG NCHATARI (bis)
ANGRATA BIKONG HINTÃ INGRÁ (bis)
WYKITU NIGRY HÕHÕHÕHÕ (bis)
TENEOKÃ HUMINIXÃ

AHIANTÃ KANKEHE AKWÃ

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com meu trabalho realizado, durante minha trajetória na UFMG, tive a oportunidade de pesquisar mais profundamente sobre nossa língua Akwen, onde adquiri mais ainda um enorme conhecimento sobre a nossa língua ancestral. Percebi também a necessidade de repassar esses conhecimentos com mais frequência para dentro da sala de aula e também para toda comunidade em geral, destacando sim que já são transmitidos pelos professores de cultura, práticas, artes e muito pouco pelos os outros professores regentes de turma. Percebo essa ausência desses conhecimentos sobre a nossa língua serem transmitidos na escola por causa de nem todo professores ter o domínio da nossa língua ancestral, deixando muitas das vezes nas costas dos professores de cultura.

Em nossas escolas percebo a necessidade de termos professores da nossa língua materna porque, deixando somente com os professores de cultura, não damos conta de atender todas as necessidades pelo nosso povo. Principalmente porque a função do professor de cultura é muito ampla, tudo que estiver relacionado a nossa tradição, a gente tenta repassar para nossos alunos. A gente acaba sendo inimigo do tempo porque as aulas são muito poucas, enquanto as aulas de português e matemática tomam a maior quantidade de tempo.

Já conseguimos avançar muito na busca pela revitalização da nossa língua, mas precisamos melhorar muito mais. Para isso acontecer precisamos estar unidos só assim conseguiremos vencer qualquer batalha. Como já dito no meu trabalho, estamos introduzindo nossa língua através das músicas, frases, desenhos, palavras soltas e outras metodologias sendo que cada professor de cultura tem o seu planejamento.

Lendo o trabalho de mestrado de Anari Pataxó descobri que está em processo de revitalização do Patxoha. Para fortalecer mais ainda essa busca, eles criaram um grupo de pesquisadores da sua língua. É um processo semelhante do meu povo Xakriabá que também está nessa busca. Lendo esse trabalho me interessei muito e pensei trazer na minha proposta justamente isso, articular um grupo onde possamos pensar todas as formas de resgatar, aprender e ensinar a nossa língua, claro respeitando as que já temos. Para criarmos esse grupo precisamos da autorização dos nossos caciques, lideranças, pajés e nossos anciões, tendo eles também como componentes do grupo. Precisamos

também a participação dos professores de cultura, aqueles que já tem um domínio maior da nossa língua, diretores e destaco também a participação efetivamente da juventude Xakriabá que vejo o interesse de cada um que estão no movimento de manter nossa identidade viva. E alguns deles também já estão nesse processo de resgate e aprendizagem da nossa língua.

Assim que mobilizarmos o grupo precisamos marcar um seminário, para apresentação do grupo para todo o povo Xakriabá. E trazer parentes de outras etnias que se encontra nessa mesma situação como os Pataxós para nos relatar como foi as experiências que eles tiveram com a criação do grupo. Também precisamos da presença dos nossos parentes Xerentes que já mostraram muita boa vontade de nos ajudar a resgatar nossa língua.

Precisamos pensar uma forma de como o grupo poderá se reunir de 15 em 15 dias ou mês em mês. Isso vai ser decidido em reunião. Onde vai ser os encontros penso em uma maneira de fazer rodizio entre as aldeias ou onde ficar mais próximos dos nossos anciões de mais referência.

Como já temos iniciativas de resgate da nossa língua, já temos metodologias trabalhadas pelos professores de cultura dentro da sala de aula. O grupo vai servir para reforçar tudo isso e ajudar a buscar novos meios para fortalecer cada vez mais nossa busca pelo nosso Akwen.

Citei no meu trabalho de um projeto do nosso cacique Domingos Nunes de Oliveira, que teve início no ano de 2008, que foi um intercâmbio com nossos parentes Xerentes, foi levada uma família Xakriabá com o propósito de aprender a falar a língua e depois retornar com o objetivo de ensinar nosso povo. Essa família retornou depois de um certo tempo falando 100 % nossa língua. Mas infelizmente não se encontra trabalhando no ensino dela para nosso povo, por motivos internos que não vou estar expressando aqui. Confesso que gostaria muito que essa família ensinasse nossa língua para nosso povo.

Vejo esse projeto de intercâmbio como uma iniciativa muito importante para o resgate da nossa língua. Com a criação do grupo pretendemos buscar iniciativas como essa. Em conversa com nosso cacique, ele me relatou que nossos parentes Xerentes ainda estão dispostos a nos ajudarem ou seja de levar mais famílias até lá ou vir pessoas de lá para nos ensinarem. Então vejo essa proposta muito importante. É uma forma que nós possamos sonhar de ver todo nosso povo falar fluentemente o Akwen.

Percebo a ansiedade das crianças dos jovens quando damos uma aula, do ensino da nossa língua, através das músicas, das frases como elas se dedicam para aprender, e tem muito mais facilidade que os mais velhos. Mas, muitas das vezes necessitamos de um vocabulário maior de palavras e significados ou até mesmo do dicionário completo. Também apanhamos muito na hora de pronunciar uma palavra porque o sotaque é totalmente diferente. Então, tudo isso pretendemos buscar com a criação do grupo.

REFERÊNCIAS

BOMFIM, Anari B., Patxohã, “Língua de Guerreiro”: Um estudo sobre o processo de retomada da Língua Pataxó. Salvador, 2012. Dissertação: Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012. 127 p.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/constituicao/constituicao.htm>.

PAULA, Jorge Luiz de. Relatório circunstanciado de reestudo de limites da Terra Indígena Xakriabá, Março, 2013

RODRIGUES, Aryon Dall’igna. Línguas indígenas brasileiras. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas da UNB, 2013. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas_indigenas_brasileiras_RODRIGUES,_Aryon_Dall%C2%B4Iгна.pdf>. Último acesso em: 8 mar. 2018.

SANTOS, Rafael Barbi Costa e Santos. **Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá**, Tefé, Amazonas, Brasil, 2014, p. 243

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ás nascentes do Rio S. Francisco pela província de Goyaz. Trad. Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. (tomo segundo)